

## LIBERDADE DE EXPRESSÃO, HUMOR DE RESISTÊNCIA E SUPEREGOS FERÓZES

Eva LANDA<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse texto procura trazer uma contribuição psicanalítica a algumas questões sobre a liberdade de expressão e seu ensino na escola, levantadas pelo assassinato do professor Samuel Paty. Entre os aspectos examinados: a inversão vitimizante da censura religiosa em «sensibilidades religiosas feridas» (Jeanne Favret-Saada); o fantasma de sedução em obra nos rumores precedendo o atentado; as crenças animistas sobre o poder das imagens; a distinção entre humor racista e humor de resistência; e o superego feroz, elemento exterior ao desenho e presença inquietante.

**Palavras-chave:** liberdade de expressão, inversão vitimizante, humor de resistência, imagem, fantasma de sedução, superego feroz.

**Résumé:** Ce texte essaye d'apporter une contribution psychanalytique à quelques questions sur la liberté d'expression et son enseignement à l'école, soulevées par l'assassinat du professeur Samuel Paty. Parmi les aspects examinés : le retournement victimaire de la censure religieuse en « sensibilités religieuses blessées » (Jeanne Favret-Saada); le fantasme de séduction à l'œuvre dans les rumeurs qui précèdent l'attentat; les croyances animistes à propos du pouvoir des images; la distinction entre l'humour raciste et l'humour de résistance; et le surmoi féroce, élément hors-dessin et pourtant présence inquiétante.

**Mots-clés:** liberté d'expression, sensibilités religieuses blessées, retournement victimaire, humour de résistance, humour raciste, image, fantasme de séduction, surmoi féroce.

*Pai, afasta de mim esse Cálice/Cale-se.*

*(Chico Buarque de Holanda, Cálice)*

*Ao Pasquim e todos os outros.*

### I. INTRODUÇÃO

Aqueles que viveram a opressão de uma ditadura conhecem a importância do «humor de resistência», ou do humor simplesmente. Todos os tipos de ditadores parecem também reconhecer sua importância (e o perigo que representa para seu poder) e

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Doutora pela Universidade Paris VII em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, membro do comitê de redação da revista *Le Coq-Héron*, responsável de numeros como *Cinéma et psychanalyse*, *La haine de soi* (com Eva Brabant-Gerö), *Peut-on encore parler de sexualité féminine?* Membro do comitê de redação de *Passages de Paris*. Autora entre outros textos de «De la religion à l'athéisme: un parcours de femme» (*Les Lettres de la SPF, Sources et parcours du religieux*, n.º 36, 2016, Campagne-Première, p. 157-173), «Estratégias do inconsciente na obra de arte. O caso da joalheria arte contemporânea» (*Passages de Paris* n.º 17, 2019).

perseguem humoristas e outros artistas, que espionam e ameaçam com censura, exclusão social, prisão, tortura ou morte, obrigando-os a se exilarem para salvarem sua vida. Alguns artistas reagem desenvolvendo meios de expressão disfarçados que lembram os mecanismos de elaboração onírica para escapar à censura do sonho; mas outros são silenciados, destruídos ou intimidados pela violência.

Os censores se atacam aos conteúdos políticos dos opositores, mas também àqueles julgados moralmente condenáveis ou desviantes: sexuais, «obscenos», «blasfemos», pro ou contra-revolucionários etc. Aliás, certos governos e ideologias autoritários ou totalitários utilizam também o humor e as imagens como armas para difundir sua mensagem ou designar os inimigos a abater em nome do ideal.

Na França, em outubro de 2020, o ensinamento da liberdade de expressão na escola, componente fundamental de uma democracia, sofreu um terrível choque com a decapitação do Professor Samuel Paty por um jovem muçulmano tchetcheno radicalizado. Embora o atentado tenha sido condenado de maneira (quase) unânime, certos questionamentos da liberdade de expressão e da escolha do professor - apresentar durante seu curso dois desenhos de *Charlie Hebdo* - mostram que restam pontos obscuros, confusionais, em certos discursos sobre o assunto. A confusão parece responder entre outros fatores ao fato que nos encontramos diante de uma situação paradoxal em que os censores se apresentam como representantes de grupos minoritários vistos como vítimas vulneráveis.

Entre os questionamentos que chamaram nossa atenção: seria preferível evitar trabalhar sobre a liberdade de expressão utilizando exemplos atuais e polêmicos, como os desenhos de *Charlie Hebdo* ? Esses desenhos seriam, em alguns casos, equivalentes aos desenhos antissemitas nazistas ? Alguns comentadores defendem um respeito das religiões que limitaria a liberdade de expressão, enquanto tentam assegurar-nos que isso não colocaria em risco o direito - garantido pela lei - de criticar as religiões. Outros ainda constroem teorias e argumentos para demonstrar que qualquer caricatura de Maomé comportaria automaticamente elementos racistas, pois não haveria imagens «oficiais» do profeta, a caricatura apelando então para estereótipos (supostos necessariamente negativos) do «arabe». E assim por diante. <sup>2</sup>

O objetivo deste artigo é abrir algumas pistas graças à reflexão psicanalítica a todos que se interessam pela questão da liberdade de expressão e particularmente aos educadores, confrontados diariamente com situações difíceis ou perigosas. Partiremos dos

---

<sup>2</sup> Como ouvi de um colega psicanalista, antes do atentado de janeiro de 2015 que dizimou a redação do jornal satírico : « Se se condena Dieudonné, é preciso também condenar *Charlie Hebdo* », insinuando um «dois pesos, duas medidas», em que ressoa uma concorrência de vítimas. Ora, o humor de Dieudonné e o de *Charlie Hebdo* não são de mesma natureza: o primeiro infelizmente resvalou para um antissemitismo extremo, enquanto o segundo não tem caráter racista, apesar das acusações nesse sentido (voltaremos mais tarde sobre esse ponto). Esse colega alegou mais tarde que, na época dessas declarações, sentia-se submergido pelas reações indignadas de jovens muçulmanos com os quais trabalhava, mas reconheceu que deveria tê-los ajudado a refletir sobre essa indignação. Tal episódio constituiu para mim um sinal de alerta sobre a ruptura do consenso em favor da liberdade de expressão. Sobre a concorrência de vítimas e os desvios antissemitas de Dieudonné, ver Roder, I, *Sortir de l'ère victimaire. Pour une nouvelle approche de la Shoah et des crimes de masse*, Odile Jacob, 2020, chap. 6.

elementos disponíveis a respeito dos acontecimentos ligados ao curso em que os dois desenhos satíricos foram apresentados aos alunos e prosseguiremos com sua análise.

Devemos lembrar que a psicanálise pode perder sua acuidade na medida em que nos afastamos da experiência clínica. Além disso, certos elementos nos quais apoiamos nossas hipóteses interpretativas, especialmente palavras ditas ou difundidas, provém de fontes indiretas: artigos de jornais e revistas que reconstituem os eventos que levaram à morte do professor Samuel Paty. Há uma investigação e processos em curso no momento em que redigimos o presente texto, que podem revelar novos detalhes.

Apesar dessas reservas, pensamos que o recurso ao ponto de vista psicanalítico constitui uma tentativa válida de trazer um pouco de luz a essa problemática. Contribuição que não nos dispensa, evidentemente, da necessidade de conhecer dados históricos e aspectos jurídicos sobre a liberdade de expressão e suas vicissitudes, entre outros aspectos, dos quais só podemos fornecer um breve relato no quadro limitado de nosso artigo.

## **II. A CENSURA RELIGIOSA SE MODERNIZA E A EXTENSÃO DO CONFLITO SE AMPLIA**

A antropóloga Jeanne Favret-Saada conduziu uma notável investigação sobre o caso das erroneamente nomeadas « caricaturas dinamarquesas de Maomé »<sup>3</sup>, que inscreve em uma sequência histórica cujo início é a condenação à morte em 1989 do escritor Salman Rushdie, autor dos *Versos satânicos*, julgado blasfemador e apóstata pelo aiatolá Khomeini.

Eis de maneira bem resumida os resultados de suas pesquisas.

O jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* fez uma enquete em 2005 sobre a auto-censura dos artistas dinamarqueses frente às pressões de grupos muçulmanos integristas que exigiam o profeta não ser representado e solicitou então aos ilustradores da imprensa que desenhassem Maomé «como eles o vêem»<sup>4</sup>.

Uma escalada de tensões acontece. Como a população muçulmana dinamarquesa praticamente ignorou os protestos de um pequeno grupo de imãs, esses representantes auto-proclamados dos muçulmanos na Dinamarca não hesitaram em internacionalizar a queixa contra os doze desenhos junto aos governos e à mídia de alguns países muçulmanos (acrescentando ao dossiê falsos desenhos destinados a escandalizar), para forçar o governo dinamarquês a se desculpar. Isso provoca tumultos violentos nesses países resultando em centenas de mortos, para defender a honra do profeta. Interesses eleitorais no Egito teriam contribuído no começo à propagação do assunto - o fato de

---

<sup>3</sup> Dos doze desenhos, apenas quatro podem ser considerados caricaturas (segundo Favret-Saada, J., *Comment produire une crise mondiale avec douze petits dessins*, Librairie Arthème Fayard, 2015).

<sup>4</sup> Favret-Saada, J., *op. cit.*, p. 76.

aparecer como defensor do islã pode trazer benefícios políticos.

Embora possa parecer evidente que um grupo de seguidores de qualquer religião tenha o direito de praticá-la, mas não o de impor suas proibições aos demais grupos (religiosos ou não) numa sociedade laica autorizando a sátira e a liberdade de expressão - incluindo a crítica das religiões - a Dinamarca encontrou-se bem isolada do ponto de vista internacional. As pressões da parte de países muçulmanos, através de tumultos e boicotes, interromperam-se apenas quando dezenove órgãos da imprensa europeia (entre os quais *Charlie Hebdo*), contra a orientação de seus governos, decidiram também publicar os desenhos, em solidariedade com o *Jyllands-Posten*.

Aliás, Favret-Saada lembra que um pouco antes do caso Rushdie, nos anos 80 na França, associações católicas integristas tinham aproveitado a brecha aberta pela lei contra o racismo de 1972 para tentar condenar imagens publicitárias ou cinematográficas (como o filme *A Religiosa*, de Jacques Rivette) por «ofensa ao sentimento religioso», «difamação» ou «provocação à discriminação e ao ódio religioso». Como indica a autora, o carrasco se apresenta como vítima: a censura religiosa não se assume como tal e faz-se passar por defensora das «sensibilidades religiosas feridas», adaptando-se ao discurso dos direitos do homem e da laicidade (que essas associações em princípio abominam). O termo «blasfêmia» deixa de ser mencionado e circula apenas entre aqueles que sonham reintroduzi-lo como delito na França, onde foi suprimido desde 1905<sup>5</sup>.

Em 2002, como observa Favret-Saada, chega a vez de associações islamistas<sup>6</sup>, por vezes aliadas a representantes mais moderados, começarem a ocupar os tribunais em nome das «sensibilidades feridas dos muçulmanos».

O jornal satírico *Charlie Hebdo*, que tinha reproduzido as «caricaturas de Maomé» em solidariedade com o jornal dinamarquês e publicado outras, tornou-se alvo de processos por sua defesa da liberdade de expressão, bem como de ameaças e ataques contra seus redatores, até o terrível atentado em janeiro de 2015, que custou a vida de quase todos os membros da redação. O atentado foi precedido por acusações cada mais difundidas que o jornal era «racista», ou mais precisamente «islamófobo» - o termo «islamofobia» contribuindo para confundir *racismo contra os indivíduos muçulmanos e crítica da religião muçulmana*. A crítica laica da religião pode assim ser cada vez mais assimilada por alguns a uma forma de discriminação.

Desse resumo podemos concluir, como afirma Favret-Saada, que os conflitos sobre o direito à sátira e o direito à liberdade de expressão mudaram de escala (não se limitam mais a uma sociedade em particular e podem agora afetar todo o planeta) e também de

---

<sup>5</sup> Favret-Saada, J., « Les habits neufs du délit de « blasphème », *Mezetulle*, 14-06-2016. <https://www.mezetulle.fr/habits-neufs-delit-de-blaspheme/>

<sup>6</sup> Adotamos neste artigo a definição do termo « islamistas » proposta por Favret-Saada: «fundamentalistas para quem o islã constitui uma doutrina indissociavelmente religiosa e política, cujos imperativos absolutos primam sobre os do Estado e os direitos dos cidadãos. Entre os islamistas, [a autora distingue] uma pequena fração de «jihadistas», designando os adeptos do terror como método político» (Favret-Saada, J., *Comment produire...*, op. cit, p. 12).

método (os devotos fanatizados podem chegar até à execução sumária dos «culpados»)<sup>7</sup>.

### III. CENAS IMAGINÁRIAS E CENAS DE PESADELO ACORDADO NA ESCOLA

Quase seis anos mais tarde, no momento da abertura dos processos dos atentados de janeiro de 2015, o professor de História Samuel Paty dá sua aula sobre a liberdade de expressão, no quadro do curso de Educação Moral e Cívica em uma cidadezinha francesa, como fazia há vários anos sem encontrar qualquer problema. Ele apresenta a seus alunos do terceiro ano ginásial dois desenhos de *Charlie Hebdo* para lançar a discussão.

Dessa vez, porém, o professor torna-se alvo de falsas denúncias por parte de uma aluna (que nem sequer estivera presente na aula)<sup>8</sup> e de seu pai, apoiado por um ativista islamista que se apresenta como um representante dos imãs na França. O pai e o militante divulgam esses rumores pelas redes sociais, e uma mensagem do pai no Facebook identifica o professor e a escola. Embora essas indicações tenham sido retiradas cerca de uma hora depois, Samuel Paty e a escola onde trabalhava começaram a receber ameaças telefônicas, num processo que ao final de onze dias resultou em sua decapitação<sup>9</sup>.

Que podemos ler nos artigos da imprensa francesa sobre a maneira em que esses acontecimentos se desenrolaram?

Na primeira das duas aulas, o professor tinha dito aos alunos que achassem que poderiam sentir-se chocados pelos desenhos (sem precisar sua religião) que saíssem da classe, caso o desejassem. Cinco ou seis jovens preferiram retirar-se, voltando em seguida, aparentemente sem maior perturbação. No entanto, no dia seguinte, uma mãe

---

<sup>7</sup> Favret-Saada, J., *Comment produire...*, *op. cit.*, p. IV. Mais adiante, a autora exprime sua esperança que a liberdade de expressão possa ser considerada «por ela mesma, e não para mascarar essas realidades que também combatemos, como o racismo ou a exploração pós-colonial», referindo-se à tentativa de recuperação do tema pela extrema-direita. Inquieta-se ao mesmo tempo pela divisão da esquerda, uma parte da qual nega os perigos do islamismo e passa mesmo a defender uma anti-laicidade (vendo a laicidade como uma das técnicas de repressão dos povos que sofreram a colonização européia).

<sup>8</sup> A adolescente explicou mais tarde suas mentiras dizendo que tivera medo de decepcionar seu pai; o professor Samuel Paty pensava que ela tinha inventado sua história a partir de rumores espalhados por outros alunos.

<sup>9</sup> Os elementos citados provêm de vários artigos consultados, em particular «Assassinat de Samuel Paty : du cours sur la liberté d'expression à l'attentat, les 11 jours d'un engrenage mortel», *France TV Info*, 16/11/2020, [https://www.francetvinfo.fr/faits-divers/terrorisme/enseignant-decapite-dans-les-yvelines/recit-assassinat-de-samuel-paty-du-cours-sur-la-liberte-d-expression-a-l-attentat-les-11-jours-d-un-engrenage-mortel\\_4183437.html](https://www.francetvinfo.fr/faits-divers/terrorisme/enseignant-decapite-dans-les-yvelines/recit-assassinat-de-samuel-paty-du-cours-sur-la-liberte-d-expression-a-l-attentat-les-11-jours-d-un-engrenage-mortel_4183437.html)

queixou-se que sua filha teria se sentido discriminada enquanto muçulmana. O professor e a diretora explicaram-lhe que nenhuma religião tinha sido mencionada e que ele apenas buscara ser atencioso; suas desculpas acalmaram a situação. Durante a segunda aula, pediu aos alunos que fechassem os olhos ou desviassem o olhar se pensavam que poderiam sentir-se chocados pelos desenhos. Essa segunda aula desencadeou a engrenagem fatal.

É interessante notar que essa demanda foi interpretada por alguns dos alunos como uma discriminação: «aqueles que podem sentir-se chocados» foi ouvido como referindo-se de maneira implícita aos «muçulmanos», como se outros alunos não pudessem também sentir-se concernidos. Assim, uma medida permitindo escolher (olhar ou não) parece ter sido tomada por alguns dos alunos num sentido negativo. Teriam preferido não ter escolha e então permanecer na classe para olhar «como os outros»? Ou talvez, para alguns, o tema já se encontrasse «no ar» e ainda mais sensível que de hábito, em virtude da atualidade dos processos dos atentados?

Não dispomos de elementos para julgar, neste caso específico. É possível porém evocar outras experiências de educadores. Por exemplo, a de Iannis Roder (professor de História, que criou novas estratégias para o ensino da Shoah e dos crimes de massa): «Observei e escutei esses jovens. Troquei e continuo trocando idéias com eles. Compreendi que alguns sentem-se vítimas: vítimas sociais, vítimas da História. Oriundos de uma imigração recente, são confrontados a problemáticas profundas, pessoais e coletivas, identitárias e históricas, ligadas à colonização e a sua relação com a França»<sup>10</sup>. Essas dificuldades podem tornar alguns dentre eles sensíveis ao discurso integrista, recebido de seu entorno ou acessível por internet, discurso que tenta exacerbar e recuperar seu mal-estar.

O professor Samuel Paty para alguns infringiu um tabu. É verdade que não *representou* o profeta, mas *mostrou* desenhos que o representam, entre os quais uma caricatura bastante irreverente (mais tarde situaremos esse desenho em seu contexto particular) – e além disso, teria «discriminado os muçulmanos». Nas ameaças telefônicas deixadas na secretária eletrônica da escola, esta era chamada «escola de racistas».

Como lembra Laurent Bihl<sup>11</sup>, a sala de aula não é um local escópico comparável a uma banca de jornais. Nela não se vê uma imagem da mesma forma que em outros lugares: as imagens são apresentadas para serem discutidas, estudadas. É o que fez Samuel Paty, propondo uma discussão em que a classe fornecia argumentos para duas colunas traçadas no quadro-negro: Eu sou Charlie - Eu não sou Charlie. Nova oportunidade de exprimir escolhas, de maneira fundamentada.

No entanto poder-se-ia dizer que, para aqueles que se deixaram convencer pela narrativa deformada do que se tinha passado na classe, o fato de *mostrar* os desenhos

<sup>10</sup> Roder, I., *Sortir...*, *op. cit.*, p. 8.

<sup>11</sup> *Faut-il une éducation à la caricature? Entretien avec Laurent Bihl*: <https://tv.marianne.net/rencontres/faut-il-une-education-a-la-caricature-entretie>

«proibidos» aos alunos e alunas teria sido tomado inconscientemente por uma *cena de sedução*, ou mesmo uma *violação escópica*<sup>12</sup>.

Sem nos deter demasiadamente sobre as fabulações da adolescente ausente e sua difusão como rumor «viral», evoquemos os elementos que parecem confirmar essa interpretação. A mensagem do pai no Facebook afirmava que o professor tinha se «gabado» perante sua filha de ter participado da marcha por *Charlie* : ainda um elemento com ressonâncias «exibicionistas» e provocadoras. No vídeo filmado pelo militante islamista, a adolescente, questionada, responde que «era uma aula sobre o islã», em que o professor teria dito àqueles que poderiam sentir-se chocados que saíssem da classe se quisessem e que tinha então mostrado «um homem nu», uma caricatura de Maomé. O militante, falando de sua intervenção na escola (ele prometia outras), afirma que há cinco ou seis anos crianças muçulmanas de doze ou treze anos eram agredidas e humilhadas diante de seus colegas. Tinha-se exigido a suspensão imediata do criminoso, pois se esses fatos fossem aceitos, aconteceria o mesmo que em Srebrenica<sup>13</sup>. O pai e a filha deram finalmente queixa na delegacia contra Samuel Paty, por divulgação de imagens pornográficas.

Uma espécie de histerização é promovida pelo vídeo, que acrescenta elementos vitimizadores e persecutórios à cena (humilhação e agressão contínuas das crianças, o massacre de muçulmanos como em Srebrenica durante a guerra na Bósnia - consequência inevitável sem uma reação forte e imediata...). A adolescente dessa vez não afirma que o professor tinha feito os alunos muçulmanos saírem da classe, mas diz que se tratava de «uma aula sobre o islã», o que é falso mas também revelador: uma aula sobre a liberdade de expressão tornou-se para muitos o equivalente de «vamos falar sobre o islã».

Assim, um professor estimado pelos alunos<sup>14</sup> transformou-se em suporte da imagem de um personagem dominador e sádico, que agride, humilha, exibe seu poder e seduz crianças<sup>15</sup>. Somos de novo confrontados a um paradoxo sem boa resposta: se o professor faz os «muçulmanos» saírem da classe (o que ele não fez), estará discriminando-os e humilhando; se os deixa ficar, estará agredindo e também humilhando. O adulto confiável e protetor, garantia da possibilidade de pensar e aprender na escola, pode assim desaparecer para alguns alunos.

---

<sup>12</sup> Na clínica, podemos ser confrontados ao efeito traumático da visualização de certas imagens. Por exemplo, uma jovem paciente no começo da adolescência, que se depara com imagens pornográficas na internet, o que agrava um estado depressivo já instalado e produz idéias suicidárias. Note-se a existência de um terreno pré-existente à visualização.

<sup>13</sup> <https://www.marianne.net/societe/laicite-et-religions/frere-musulman-pro-hamas-portrait-de-sefrioui-le-predicateur-a-lorigine-de-la-fronde-contre-lenseignant-decapite>

<sup>14</sup> [https://www.liberation.fr/france/2020/10/18/monsieur-paty-il-etait-trop-drole-on-voulait-tous-l-avoir\\_1802719/](https://www.liberation.fr/france/2020/10/18/monsieur-paty-il-etait-trop-drole-on-voulait-tous-l-avoir_1802719/)

<sup>15</sup> Jean-Pierre Kamieniak aponta para «a própria etimologia do termo «educação», *ex ducere*, conduzir fora de, conduzir fora da casa paterna [...] para acompanhar, conduzir, levar fora do lar é preciso primeiro *se ducere*, atrair para si, seduzir» (Kamieniak, J.-P., *A quoi sert de réussir à l'école? Perspective clinique, Le Coq-Héron* n.º 246, érés, a ser publicado em setembro 2021).

Fora da escola, o rumor inflacionado chegará a um destinatário radicalizado, pronto para punir o «culpado», fazer dele um exemplo e restabelecer a honra do profeta...

Aliás, certos críticos da laicidade «ocidental» apresentam um paradigma da «sedução» para explicar as reações violentas dos fiéis muçulmanos diante da exteriorização de opiniões ou gestos proibidos. Essa exteriorização seria percebida como destinada a seduzi-los, torná-los infiéis, ameaçando, portanto, seu engajamento com a comunidade. Segundo essa visão do islã, os fiéis podem permanecer livres em sua consciência, sob a condição de não exprimir em atos ou palavras seus pensamentos transgressivos<sup>16</sup>. Isso também explicaria por que de seu ponto de vista os não-muçulmanos, em países que respeitam a laicidade e a liberdade de expressão, deveriam submeter-se aos mesmos preceitos: para não «seduzir» os muçulmanos e assim desencadear sua reação violenta.

Essa reação violenta parece, no entanto, proceder de uma negação da diferença do outro, ou mesmo de uma forma de supremacia religiosa, mais que de uma sensibilidade ferida dos fiéis.

Além do mais, todos os fiéis não reagem de maneira violenta, nem mesmo quando vivem em sistemas teocráticos, onde a educação e a pressão social favorecem a força das normas religiosas. Freud afirma em substância que cada indivíduo está ligado a várias comunidades (étnica, religiosa, nacional etc.), mas pode ainda desenvolver um certo grau de autonomia e originalidade. A afirmação segundo a qual os muçulmanos escapariam a essa possibilidade, na medida em que o islã recusaria a dimensão da subjetividade individual em proveito do coletivo seria, segundo Fethi Benslama, um preconceito que confunde individualismo e individuação, ideologia do ego e processo de subjetivação<sup>17</sup>. Essa afirmação corre o risco de apresentar os muçulmanos como prisioneiros de uma identidade imutável<sup>18</sup>.

O paradigma da sedução é um corolário da crença que somos seres demasiado frágeis para resistir à sedução do outro (em realidade, a nossas próprias pulsões) e que é pois necessário controlar esse outro e seu poder de sedução - por exemplo, a mulher. Nada de novo sob o sol, como sabem os que lutam contra as violências sexuais e contra a idéia que a vítima seria responsável por elas.

Se, como observa Jean Guillaumin, fazer alguém rir consiste em «seduzir o Superego»<sup>19</sup>, os desenhistas satíricos fazem bem parte daqueles que precisariam ser mantidos sob controle e impedidos de levar a rir da religião.

---

<sup>16</sup> Favret-Saada, J., «Au nouveau chic radical : *Laïcité, dégage !*. Sur le livre *La Critique est-elle laïque?*, Mezetulle, fevereiro 2021, <https://www.mezetulle.fr/au-nouveau-chic-radical-laicite-degage/>

<sup>17</sup> Benslama, F., «La question du sujet en Islam», in *La Guerre des subjectivités en Islam*, Paris, Lignes, 2014, p. 189-207

<sup>18</sup> Ver Prokhoris, S., «Dévôts de l'identité et authentique en toc. A propos de *La dictature des identités*», in *Peut-on encore parler de sexualité féminine?*, *Le Coq-Héron* n.° 241, érès, 2020, p. 10-20.

<sup>19</sup> Guillaumin, J., 1973, p. 643, citado in Diatkine, G., « Le rire », *Revue Française de Psychanalyse*, 2006/2 (vol.

#### IV. A LUTA DO FRACO CONTRA O FORTE: UM SUPEREGO FERROZ NOS BASTIDORES DA CENA

Como vimos, houve uma inversão vitimizante da censura religiosa em «sensibilidade religiosa ferida». Entretanto, continua importante verificar se um desenho humorístico ou uma caricatura são racistas ou incitam ao ódio, distinguindo esses aspectos da crítica autorizada das religiões. As elaborações psicanalíticas sobre o humor podem ajudar a decifrar nesse sentido os desenhos escolhidos por Samuel Paty em sua aula sobre a liberdade de expressão.

As caricaturas ocupam um lugar à parte entre os desenhos humorísticos, a agressividade é uma de suas características decisivas. Trata-se, em princípio, da luta do fraco contra o forte, por meio de traços deformados para melhor revelar uma verdade não aparente. O aspecto físico pretende desvelar o aspecto moral. O caricaturista ataca diretamente, em termos psicanalíticos, o representante de um superego feroz ou corrompido.

Para Laurent Bihl, a violência simbólica de um «Vamos matá-los pelo riso»<sup>20</sup> se substituiria em princípio à violência real. Os códigos do gênero, herdados da guerra travada entre caricatura anticlerical e caricatura pró-Igreja no final do século XIX, incluem «a mecanização e a deformação dos corpos, as inversões de escala ou de usos, a animalização, a coisificação, o excesso, as associações inadequadas (grosseiras e erotizadas), a infantilização, a literalidade, assim que os trocadilhos».<sup>21</sup>

A caricatura racista, que essencializa seu alvo e contribui à fixação de estereótipos depreciativos ou diabolizadores sobre um indivíduo ou um grupo, pode tornar-se o elo intermediário entre a violência simbólica e a discriminação, ou mesmo o assassinato. Daí a necessidade de certos limites legais colocados à liberdade de expressão.<sup>22</sup>

Na época do caso Dreyfus, Achille Lemot, desenhista-vedete do jornal católico *Le Pèlerin*, recorreu a temas antisemitas e antimacônicos, associados à laicidade. No entanto, começara sua carreira em um jornal satírico anticlerical.<sup>23</sup> Não basta ser artista nem talentoso para estar ao abrigo dos preconceitos - Louis-Ferdinand Céline é um

---

70), p. 529-552.

<sup>20</sup> Lema de *L'Anticlérical*, jornal satírico fundado no começo dos anos 1880. « A caricatura - do verbo italiano *caricare* (« charger ») - era mortal no tempo da IIIa República anticlerical ? Não no sentido literal, claro. Mas ela calunia, ridiculariza a Igreja católica, às vezes mesmo Deus e os santos, com um excesso e uma violência aos quais a lei sobre a liberdade da imprensa adotada em 1881 não estabelece quase nenhum limite » (Bihl, L., *1880-1905, Séparation de l'Eglise et de l'Etat. La guerre des caricatures*, *Historia* n.º 889, janeiro 2021, p. 17)

<sup>21</sup> Danguy, L., «La transgression sans concession», *Historia*, *op. cit.*, p. 23.

<sup>22</sup> A propósito dos aspectos jurídicos da liberdade de expressão, ver por exemplo : Viennot, C., « Les caricatures de Mahomet appréciées par les juridictions françaises », *Les cahiers de la Justice* 2015/2 (N.º 2), p. 265-282 (acesso livre no site *Cairn*) ; e também Clavès, G., « Vous enseignez la liberté d'expression ? N'écoutez pas François Héran ! », *Mezetulle*, novembro de 2020, <https://www.mezetulle.fr/vous-enseignez-la-liberte-dexpression%e2%80%89-necoutez-pas-francois-heran%e2%80%89-par-gwenaele-calves/>.

<sup>23</sup> L. Bihl, « La guerre des clercs contre la République », *Historia*, *op. cit.*, p. 34-35.

exemplo disso na literatura - ou de sua utilização e transmissão num espírito mercenário.

Os desenhos do período colonial contribuíram à difusão de estereótipos depreciativos e denigrantes dos povos colonizados, que reforçavam a ideologia na base da empresa colonial.

A propósito dos «antisemitos», como ela os denomina, Marie-Anne Matard-Bonucci afirma:

«A imagem não apenas acompanhou os discursos antisemitas. Ela os sintetizou, simplificou, concentrou, padronizou, facilitando a memorização de estereótipos que transformou em tipos humanos. Induzindo, por sua natureza, uma radicalização do discurso antisemita, ou ao menos de sua expressão, contribuiu assim à difusão dos preconceitos a nível europeu. Combinando continuidade de formas (e assim de temas) e plasticidade ideológica, a imagem foi uma arma ainda mais temível na medida em que permitiu ao desenho antisemita escapar dos limites da literatura militante para insinuar-se na imprensa em geral quando as democracias conheceram intensos «momentos» antisemitas»<sup>24</sup>.

Por exemplo, segundo os procedimentos de zoomorfização já utilizados na caricatura política, os judeus eram representados em forma de aves de rapina, serpentes, aranhas, insetos, ratos, hidras ou polvos, afim de denunciá-los como predadores, parasitas, seres nocivos e proliferantes.

A imagem satírica racista pode assim tornar-se uma arma de propaganda que visa legitimar e banalizar a discriminação e a perseguição.

Entretanto, todo discurso e imagem repousa em convenções que permitem sua compreensão. O fato, pois, de conter imagens convencionais não é suficiente para caracterizar um desenho ou caricatura como « racista ». Quando porém os estereótipos atacam todo um grupo (ou um indivíduo, porque pertence ao grupo em questão) essencializando - isto é, denegrindo por aquilo que ele *é* (raça, religião, sexo, etc.) e não por aquilo que realmente *faz*; diabolizando - projetando sobre ele acusações graves, excessivas, infundadas ou imaginárias, cujo traço destruidor podemos retrair na História; quando esses estereótipos são associados a uma ideologia de exclusão ou extermínio, *esses estereótipos* podem caracterizar uma caricatura como racista ou antisemita. É preciso sempre analisar o conjunto e o contexto, mas em princípio o fato

---

<sup>24</sup> Matard-Bonucci, M.-A., «L'image, figure majeure du discours antisémite ?», *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 2001/4, n.º 72, p. 27-39. <https://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2001-4-page-27.htm>

de representar os muçulmanos em geral como terroristas, todos os africanos como canibais primitivos ou pouco inteligentes, ou os judeus em geral como aqueles que controlam as mídias ou assassinam crianças deliberadamente, pode ser identificado como racismo e antisemitismo.

E' preciso lembrar ainda que os elementos escatológicos, obscenos, grotescos, de mau gosto, não bastam para estabelecer um desenho ou caricatura como racistas ou incitadores; a jurisprudência francesa reconhece à caricatura o fato de ser caracterizada pelo excesso. Temos evidentemente o direito de não apreciar essa estética e exprimir nossa opinião a respeito, mas a caricatura não ultrapassa por isso os limites legais.

Para voltar ao ponto de vista psicanalítico, o superego desempenha varios papéis nas análises freudianas dos trocadilhos e do humor.

Segundo Freud, as piadas de duplo sentido permitem a expressão de pulsões reprimidas sexuais ou agressivas; favorecendo uma «desativação do superego»<sup>25</sup>, as palavras de duplo sentido permitem que conteúdos satisfazendo pulsões proibidas se insinuem entre idéias inofensivas. Como escreve Gilbert Diatkine: «No riso, solicita-se ao Superego fechar os olhos».<sup>26</sup>

Por outro lado, o superego é convocado no humor para afastar uma realidade ameaçadora e assegurar o triunfo do ego e sua invulnerabilidade narcísica; como afirma Freud em substância, o superego parece consolar o ego, dizendo-lhe que esse mundo aparentemente tão perigoso não passa de uma brincadeira de criança, bom para se fazer graça!<sup>27</sup>

É esse processo que transparece em um dos desenhos de *Charlie Hebdo* apresentados pelo professor Samuel Paty. Podemos supor que foi escolhido porque se trata da capa do primeiro *Charlie* depois do atentado, conhecido como o «número dos sobreviventes»<sup>28</sup>. Nesse desenho de Luz, vê-se um personagem que não é identificado como sendo o profeta, todo vestido de branco, a fisionomia entristecida, uma lágrima escorrendo do olho esquerdo e carregando um cartaz: «Eu sou *Charlie*». No alto, vê-se escrito: «Tudo está perdoado». Sob o cabeçalho «*Charlie Hebdo*», lê-se: «Jornal irresponsável», uma alusão às críticas recebidas pelo jornal por ter publicado as «caricaturas dinamarquesas», entre outras.

Maomé aparece como solidário do jornal: ele é *Charlie* (e, portanto, «não é») os terroristas que agiram em seu nome) e parece triste diante da tragédia que se abateu sobre a redação. Maomé não é o superego feroz, papel reservado a um «sujeito oculto»: os terroristas islamistas responsáveis do massacre (como em outro desenho, onde o profeta se queixava: «É duro ser amado por idiotas»). A frase «Tudo está perdoado»

---

<sup>25</sup> Guillaumin, J., 1973, citado por Diatkine, G., *op. cit.*

<sup>26</sup> Diatkine, G., *op. cit.*

<sup>27</sup> Freud S. (1927 [1927d]) «L'humour», *Œuvres Complètes. Psychanalyse, vol. XVIII*, PUF, p. 133-140, p. 140.

<sup>28</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Num%C3%A9ro\\_1178\\_de\\_Charlie\\_Hebdo](https://fr.wikipedia.org/wiki/Num%C3%A9ro_1178_de_Charlie_Hebdo)

não explicita quem perdoa quem. O desenhista Luz dirá que para ele trata-se de um «perdão recíproco» entre ele e seu personagem. Se esse desenho cheio de tristeza (e ternura) não faz rir, ele nos toca por esse lado grandioso ao qual se referia Freud, essa capacidade de rir de si mesmo diante da realidade traumática, afirmando em substância que o ego mantém de maneira obstinada que os traumas do mundo externo não podem atingi-lo e não passam de fatores passíveis de proporcionar uma certa satisfação<sup>29</sup>. Quanto ao aspecto desafiador, também apontado por Freud no humor, o desenho reafirma apesar de tudo o direito à liberdade de expressão, ao representar mais uma vez o profeta.

Esse retrato do profeta como «bom objeto», evocando o perdão, não impediu que se produzissem novos tumultos e violências, além de homenagens aos terroristas, em vários países muçulmanos.

No entanto, François Boespflug observa que a questão de uma interdição da representação do profeta não aparece nem no Corão nem nos «hadiths». O islã xiita, aliás, é mais permissivo a esse respeito do que o islã sunita rigorista. Um aumento de rigidez contra as representações de Maomé seria relativamente recente. Segundo esse autor, o ápice da expressão de respeito e amor pelo profeta passaria pelo fato de não representá-lo, com a idéia implícita que «representar é banalizar, divulgar é ofender, vulgarizar é tornar vulgar».<sup>30</sup>

A imagem no islã seria vista como impura, entre outras razões por causa do risco de idolatria, como no judaísmo. As imagens seriam também proscritas porque as pessoas que representam outros seres humanos ou animais são percebidas como querendo imitar Deus. Segundo alguns hadiths, no dia do julgamento final, aqueles que representaram seres vivos, homens ou animais, serão intimados a dar-lhes vida (e uma alma): o artista se colocaria em concorrência com o Criador<sup>31</sup>. Os gregos teriam falado de *húbris*.

Segundo Gombrich e Ernst Kris, a psicanálise mostra que a imagem é percebida como uma espécie de duplo, que receamos danificar por medo de ferir a pessoa representada, ou que utilizamos magicamente para atingir um inimigo. Vestígios desse funcionamento animista e mágico estão ainda presentes na civilização moderna; pode emergir quando o ego se encontra enfraquecido (na situação de massa ou numa situação dolorosa individual, por exemplo): os revolucionários queimam o retrato de um tirano ou um amante faz o mesmo com o da amante infiel.<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Freud S. (1927 [1927d]), «L'humour», *op. cit.*, p. 136-137.

<sup>30</sup> Boespflug, F., «Muhammad à l'écran : un rôle exclu ?», *Histoire, monde et cultures religieuses 2015/2 (n°34)*, p. 147-162.

<sup>31</sup> Fleuret, G., «L'islam interdit-il les images de Mahomet?», *L'explication*, 5/11/2011 (online).

<sup>32</sup> Gombrich, E. H. (with Ernst Kris), «The Principles of Caricature», *British Journal of Medical Psychology*, Vol. 17, 1938, p. 319-42 [Trapp no.1938A.1]. Outro exemplo de um puro animismo em ação no seio da modernidade:

A hipótese do duplo de Gombrich et Kris parece adaptar-se à reação violenta diante da representação satírica do profeta : o artista arrogante, em concorrência com Deus, danificaria a imagem e portanto o próprio profeta. Como indicam os autores, essa regressão animista é mais intensa em contexto de exaltação enfraquecendo o ego, como aquela induzida pelos predicadores, mídias e redes sociais.

Notaremos ainda que provavelmente não são os desenhos em si que «contribuem» a desencadear a violência na grande maioria dos casos. Os manifestantes enfurecidos talvez não os tenham sequer visto, mas simplesmente escutado palavras, discursos, rumores a seu respeito.

O segundo desenho apresentado pelo professor Samuel Paty é o da desenhista Coco, publicado em setembro de 2012. Arriscamos a hipótese que a escolha desse desenho, particularmente irreverente em relação ao sagrado, deva-se ao fato de ser um exemplo-limite de até onde pode ir a liberdade de expressão sem sair da legalidade. O personagem está nu, a não ser por um turbante branco, de joelhos e visto de costas, seu ânus coberto por uma estrela amarela de cinco pontas. No alto do desenho vê-se escrito: «Maomé: Nasce uma estrela!».

Olhando esse desenho fora de contexto, é difícil compreender ao que faz referência; alguns se precipitaram para afirmar que se tratava de uma «agressão gratuita, feita para humilhar os muçulmanos», pois a posição lembra a prosternação nas rezas e, portanto, visaria «todos os muçulmanos» - numa tentativa de caracterizar o desenho como racista. O enigma, porém, permanece. O que fazer desse título de filme, «Nasce uma estrela», com seu ponto de exclamação exaltante, e da própria estrela ?

Ora, o desenho de Coco foi originalmente publicado em um número de *Charlie Hebdo* que dedica toda uma página ao caso do filme americano *Innocence of Muslims*. O jornal critica a violência desencadeada pela difusão de seu *trailer* no Egito, em 11 de setembro (data bastante significativa) de 2012, com manifestações e ataques contra embaixadas em diversos países muçulmanos, que provocaram na Líbia a morte de quatro pessoas, entre as quais o embaixador americano. O autor do vídeo, um copta egípcio vivendo na Califórnia, afirmou querer denunciar as «hipocrisias» do islã (com intenções prováveis de proselitismo), filmando, sob pseudônimo e aparentemente sem prevenir os atores, cenas da vida de Maomé em que este aparece como defensor da pedofilia, homossexual

---

para os nazistas, a arte seria capaz de modelar inconscientemente e de maneira ativa a massa do povo. Se Platão falava do perigo da arte enquanto poder contagioso, no caso do Terceiro Reich trata-se de uma teoria das origens que supõe um poder de auto-formação da raça por meio da arte. Isso levou o nazismo a exercer seu controle sobre a arte dita «degenerada» para prevenir o engendramento de uma humanidade «monstruosa» (Michaud, E., *Un art de l'éternité. L'image et le temps du national-socialisme*, Paris, Gallimard, 1996, citado in Landa, E., «L'art « dégénéré » et le projet culturel nazi : finitude et quête de l'éternité», *Le Coq-héron* 2004/2 , n.º 177, p. 161-165).

etc. Se o vídeo parece ser do ponto de vista artístico e intelectual completamente abaixo de qualquer crítica, ele não infringe nenhuma lei nos Estados- Unidos. Seu *trailer*, aliás, não tinha chamado a atenção, até ser traduzido em árabe<sup>33</sup>.

Outros desenhos nesse mesmo número apresentam Maomé em cenas « culte » da história do cinema. Restituindo o contexto, é possível então compreender que a desenhista trata de um assunto importante da atualidade da época, utilizando referências cinematográficas conhecidas para falar da «fulgurante ascensão» de Maomé ao estrelato; a estrela amarela é associada à calçada de Hollywood Boulevard (Walk of Fame) onde as celebridades tem seu nome gravado. Todas essas referências euforizantes contrastam com a imagem degradada do profeta apresentada pelo vídeo americano, que a desenhista transpõe graficamente colocando-o em uma posição ingrata. O desenho mostra o profeta nu, dessacralizado, um homem como os outros.

Para Octave Mannoni, uma sexualização extrema (como a desse desenho) buscaria ridicularizar, um «riso de defesa contra a superestimação megalomaniaca do falo, cômica em si mesma»<sup>34</sup>. Riso de defesa também, acrescentaríamos, contra a angústia que ronda. Essa violência assassina constitui o pano de fundo não representado do desenho e já ameaça a desenhista e seus colegas (cerca de um ano antes, um incêndio criminoso tinha destruído o escritório do jornal). Esse desenho, que se revela bem mais complexo do que se poderia crer em uma primeira impressão, sob sua aparência grotesca e excessiva, exprime uma resistência obstinada contra intimidações extremamente sérias. Reafirmação do direito de rir das crenças religiosas, de seus ritos e figuras sacralizadas, objetos superegóicos ou idealizados que podem tornar-se opressivos para a capacidade de pensar e criar, inibida por tabus reforçados pela ameaça de castração (no caso, bem real). É bom lembrar que todas as religiões são criticadas ou ridicularizadas no jornal.

Esse desenho busca então afrontar a opressão e a ameaça, ainda mais que a desenhista é uma mulher, para quem «nem o corpo nem a religião são tabus»<sup>35</sup>, o que faz dela um alvo preferencial dos integristas de todo tipo.

Sobre a relação entre o riso - considerado «satânico» na Idade Média - e o feminino, é interessante citar ainda G. Diatkine: «pode ser que deixar-se levar pelo riso seja vivido por muitas pessoas como uma manifestação pública de um prazer genital feminino incompatível com sua virilidade. Essa excitação «feminina» estaria em contradição com o narcisismo fálico encarnado por antepassados respeitáveis, um deus vivo ou um gentil-homem inglês. Aquele que ri deixa-se levar de bom grado por essa excitação passiva, pois sua feminilidade e sua masculinidade convivem bem no interior dele

<sup>33</sup> *Wikipédia*, verbete «Innocence of Muslims».

<sup>34</sup> Mannoni, O., p. 158, citado in Diatkine, G., «Le rire», *op. cit.*

<sup>35</sup> <https://dessinezcreezliberte.com/fiches-decryptage/religioncaricaturedemahomet/#1593391785764-0eb4867d-30e0>

mesmo »<sup>36</sup>.

Por trás desse exercício extremo de crítica satírica das religiões, reencontramos a antiga luta contra o superego feroz, ausente da cena mas presente nos bastidores - e capaz de matar.

## V. CONCLUSÃO

As pessoas concernidas pela questão do ensinamento da liberdade de expressão na escola e na sociedade em geral encontram-se diante de um desafio, tornado ainda mais complexo após a irrupção de violência no coração da instituição escolar, representada pelo assassinato do professor Samuel Paty.

Com o desenvolvimento das redes sociais, cada um pode ser deslocado repentinamente para um universo extenso e inquietante, perder o controle de sua imagem, recuperada e falsificada a serviço de causas obscuras e despertar uma violência inaudita.

Como proteger o quadro da escola ? No momento, a solidariedade da maioria faz parte das defesas possíveis. É bem triste que desenhistas e professores atacados possam ser tratados, por vezes, como a criança que expõe segredos e pontos sensíveis e torna-se o elemento perturbador da paz familiar, que viria colocar todos em perigo.

Evitar toda menção a desenhos polêmicos pode ser uma denegação e oferecer um reforço positivo à violência, até reintroduzir na prática um «crime de blasfêmia» que não diz seu nome.

Por outro lado, o traumatismo é muito recente. Ele nos mostra que há um importante trabalho prévio a desenvolver para que o vínculo e novas compreensões possam servir de barreira aos fantasmas.

Os educadores farão suas escolhas de maneira autônoma, evidentemente; mas não precisam fazê-lo na solidão e no abandono.

Em meio aos artigos da imprensa sobre Samuel Paty, as palavras da mãe de uma aluna trazem uma certa esperança. A filha de Mounia seguiu as aulas em torno das caricaturas durante os dois anos em que ele fora seu professor, «sem que isso crie polêmica entre os alunos e seus pais»:

« A mãe relembra a primeira vez. *«Minha filha estava surpresa porque não conhecia nada sobre o mundo da caricatura. E como isso tocava no profeta, tocou-a também. Expliquei-lhe que era preciso tomar a coisa de maneira não literal. Enquanto pais, somos nós que precisamos também explicar, porque dependendo da maturidade das crianças o assunto nem sempre passa bem.»* Mounia quer sobretudo lembrar-se desse *«professor muito dedicado»* que tinha garantido o funcionamento escolar durante

---

<sup>36</sup> Diatkine, G., «Le rire», *op. cit.*

o confinamento. «*Ele era benevolente, à escuta dos alunos e dos pais. Fazia bem seu trabalho.*» Sua filha esta «*hoje em estado de choque. Ela o adorava*».<sup>37</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BENSLAMA, F., «La question du sujet en Islam», in *La Guerre des subjectivités en Islam*, Paris, Lignes, 2014, p. 189-207
- BIHL, L., *1880-1905, Séparation de l'Église et de l'État. La guerre des caricatures*, *Historia* n.º 889, janeiro 2021
- BIHL, L., «La guerre des clercs contre la République», *Historia*, n.º 889, janeiro 2021.
- BOESPFLUG, F., «Muhammad à l'écran : un rôle exclu ?», *Histoire, monde et cultures religieuses 2015/2 (nº34)*, p. 147-162.
- CLAVÈS, G., «Vous enseignez la liberté d'expression ? N'écoutez pas François Héran !», *Mezetulle*, novembro de 2020, <https://www.mezetulle.fr/vous-enseignez-la-liberte-dexpression%e2%80%89-necoutez-pas-francois-heran%e2%80%89-par-gwenaele-calves/>.
- DANGUY, L., «La transgression sans concession», *Historia*, n.º 889, janeiro 2021.
- DIATKINE, G., «Le rire», *Revue Française de Psychanalyse*, 2006/2 (vol. 70), p. 529-552.
- FAVRET-SAADA, J., *Comment produire une crise mondiale avec douze petits dessins*, Librairie Arthème Fayard, 2015.
- FAVRET-SAADA, J., «Les habits neufs du délit de «blasphème»», *Mezetulle*, 14-06-2016. <https://www.mezetulle.fr/habits-neufs-delit-de-blaspheme/>
- FAVRET-SAADA, J., «Au nouveau chic radical : Laïcité, dégage !. Sur le livre *La Critique est-elle laïque?*», *Mezetulle*, fevereiro 2021, <https://www.mezetulle.fr/au-nouveau-chic-radical-laicite-degage/>
- FLEUROT, G., «L'islam interdit-il les images de Mahomet?», *L'explication*, 5/11/2011 (online).
- FREUD S. (1927 [1927d]) «L'humour», *Œuvres Complètes. Psychanalyse*, vol. XVIII, PUF, p. 133-140.
- GOMBRICH, E. H., KRIS, E., «The Principles of Caricature», *British Journal of Medical Psychology*, Vol. 17, 1938, p. 319-42 [Trapp no.1938A.1].
- GUILLAUMIN, J., 1973, p. 643, citado in Diatkine, G., «Le rire», *Revue Française de Psychanalyse*, 2006/2 (vol. 70), p. 529-552.
- KAMIENIAK, J.-P., *A quoi sert de réussir à l'école? Perspective clinique*, *Le Coq-Héron* n.º 246, èrès, a ser publicado em setembro 2021.
- LANDA, E., «L'art «dégénéré» et le projet culturel nazi : finitude et quête de l'éternité», *Le Coq-héron* 2004/2, n.º 177, p. 161-165.
- MANNONI, O., p. 158, citado in Diatkine, G., «Le rire», *Revue Française de Psychanalyse*, 2006/2 (vol. 70), p. 529-552.

---

<sup>37</sup> Mouillard, S., Piquemal, M., Bourgneuf, C., Moran, A. et Boiteau, V., «Monsieur Paty, il était trop drôle, on voulait tous l'avoir», *Libération*, 18/10/2020. [https://www.liberation.fr/france/2020/10/18/monsieur-paty-il-etait-trop-drole-on-voulait-tous-l-avoir\\_1802719/](https://www.liberation.fr/france/2020/10/18/monsieur-paty-il-etait-trop-drole-on-voulait-tous-l-avoir_1802719/)

MATARD-BONUCCI, M.-A., «L'image, figure majeure du discours antisémite ?», *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 2001/4, n.° 72, p. 27-39.

<https://www.cairn.info/revue-vingtieme-siecle-revue-d-histoire-2001-4-page-27.htm>

MICHAUD, E., *Un art de l'éternité. L'image et le temps du national-socialisme*, Paris, Gallimard, 1996.

MOUILLARD, S., PIQUEMAL, M., BOURGNEUF, C., MORAN, A., BOITEAU, V., «Monsieur Paty, il était trop drôle, on voulait tous l'avoir», *Libération*, 18/10/2020.

[https://www.liberation.fr/france/2020/10/18/monsieur-paty-il-etait-trop-drole-on-voulait-tous-l-avoir\\_1802719/](https://www.liberation.fr/france/2020/10/18/monsieur-paty-il-etait-trop-drole-on-voulait-tous-l-avoir_1802719/)

PROKHORIS, S., «Dévots de l'identité et authentique en toc. A propos de *La dictature des identités*», in *Peut-on encore parler de sexualité féminine?*, *Le Coq-Héron* n.° 241, érés, 2020, p. 10-20.

RODER, I, *Sortir de l'ère victimaire. Pour une nouvelle approche de la Shoah et des crimes de masse*, Odile Jacob, 2020

VIENNOT, C., « Les caricatures de Mahomet appréciées par les juridictions françaises », *Les cahiers de la Justice* 2015/2 (N.° 2), p. 265-282.

«Assassinat de Samuel Paty : du cours sur la liberté d'expression à l'attentat, les 11 jours d'un engrenage mortel», *France TV Info*, 16/11/2020, [https://www.francetvinfo.fr/faits-divers/terrorisme/enseignant-decapite-dans-les-yvelines/recit-assassinat-de-samuel-paty-du-cours-sur-la-liberte-d-expression-a-l-attentat-les-11-jours-d-un-engrenage-mortel\\_4183437.html](https://www.francetvinfo.fr/faits-divers/terrorisme/enseignant-decapite-dans-les-yvelines/recit-assassinat-de-samuel-paty-du-cours-sur-la-liberte-d-expression-a-l-attentat-les-11-jours-d-un-engrenage-mortel_4183437.html)

<https://www.marianne.net/societe/laicite-et-religions/frere-musulman-pro-hamas-portrait-de-sefrioui-le-predicateur-a-lorigine-de-la-fronde-contre-lenseignant-decapite>

[https://fr.wikipedia.org/wiki/Num%C3%A9ro\\_1178\\_de\\_Charlie\\_Hebdo](https://fr.wikipedia.org/wiki/Num%C3%A9ro_1178_de_Charlie_Hebdo)

<https://dessinezcrezliberte.com/fiches-decryptage/religioncaricaturedemahomet/#1593391785764-0eb4867d-30e0>

WIKIPÉDIA, verbete «Innocence of Muslims».

[https://fr.wikipedia.org/wiki/L%27Innocence\\_des\\_musulmans](https://fr.wikipedia.org/wiki/L%27Innocence_des_musulmans)